

Entre sociais, rolês, parties e baile: uma etnografia dos entretenimentos juvenis do Capão Redondo

Felipe de Souza Pinto¹

Resumo: Apresento nesse texto um balanço do meu trabalho de campo, realizado entre 2016 e 2018, ao lado dos jovens moradores do Capão Redondo em seus momentos de diversão e festa. A atenção da minha pesquisa repousa sobre quatro tipos de lazer, sendo eles, a social, o rolê, a party e o baile funk. Cada um deles será apresentado com um pequeno relato etnográfico e, em seguida, discorrerei acerca de suas qualidades, categorizando-as teoricamente. O trabalho será encerrado, após a discussão de campo, através de uma reflexão teoria que nos ajude a compreender o mundo dos lazes no qual os entretenimentos dos jovens do Capão Redondo estão alocados, são produzidos e vivenciados.

Palavras-chave: juventude, periferia, lazer, diversão e festa

Introdução

Eu entrei em contato com os lazes juvenis do Capão Redondo entre os anos de 2012 e 2015, enquanto lecionava sociologia para os estudantes do Ensino Médio de escolas Públicas dessa região da periferia da zona sul da capital paulista. Se não me recordo mal, a primeira vez em que participei de uma atividade de lazer foi quando os estudantes do Segundo Ano, turma G, combinou uma comemoração no Parque do Ibirapuera. Esse *rolê* começou a ser combinado após a Gincana Cultura, um certame entre as turmas da escola, e cujo a disputa do ano de 2013, levou o Segundo Ano G ao segundo lugar. O combinado seria nos encontrarmos as nove e meia da manhã no Terminal Capelinha, um dos meios de escoamento da população da região junto com a Linha Lilás do Metrô, e de lá partiríamos de ônibus, a linha Terminal Capelinha – Largo São Francisco, até o nosso destino para passarmos o dia. Chegando lá, nós procuramos um lugar fresco para ficarmos, um campo cheio de árvores:

Fizemos um grande roda e conversamos sobre muitos assuntos, sobre a nossa estranha relação, pois, antes de eu ser convidado para padrinho, os finais de tarde das sextas-feiras eram os períodos mais estressantes da

¹ Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP). E-mail: felipedesouzapinto@gmail.com

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7 – Antropologia Urbana

semana, eu não conseguia controlá-los e eles não queriam ter aulas, falamos sobre as características dos gestores, uns eram considerados rígidos, mas, legais, outros autoritários e chatos, salvando-se, apenas, de um adjetivo negativo, a inspetora, sendo consideradas por todos uma “pessoa firmeza”, ou seja, tratava-os de igual para igual e sem desrespeito. Eu mesmo recebia alguns conselhos, “o senhor precisa ser mais rígido” e “tem que tratar os alunos mais rigidamente”, o que me parecia um pouco controverso, eles falavam deles próprios, mas, excetuando o lado professor, isso demonstrava que eles entendiam os papéis institucionais, as relações entre eles, e as consequências de seus atos.

Depois jogamos bola, um misto de futebol e vôlei, dependia da forma como se projetava, interceptava e devolvia-se o objeto. E esse jogo não tinha objetivos certos, algumas vezes era acertar o amigo, fazer a bola se projetar para além do alcance do outro para fazer alguém correr atrás dela, e tudo terminava em risada e ofensas jocosas, “idiota”, “você é burro”, “lerdo” e “você é muito velho”, essa fazia referência a um dos garotos que, por apresentar traços mais maduros e devido a sua alta estatura, foi apelidado por seus amigos de “vovô”. Ao ficarmos cansados, nós voltamos a sentar junto às garotas, elas não participavam do jogo, preferiram continuar conversando, eram amigas desde muito tempo e formavam o trio de responsáveis pela gincana, a líder, duas apoios e a mensageira, e iniciamos o stop. Essa disputa, igualmente, não tratava de vencedores e perdedores, mas de “zoar com a cara” de todo mundo através de roubos nas contagens dos pontos, e da escolha de nomes para preencher os quadros pedidos que faziam referência aos amigos, lembrando que o stop é um jogo no qual são escolhidos um número de tópicos, como, por exemplo, nome próprio, C.E.P (cidade, estado e país), cor, “minha sogra é... (adjetivos positivos e negativos), série televisiva/filme/desenho, que devem ser preenchidos com palavras iniciadas pela mesma letra, escolhido ao acaso, por meio da quantidade de dedos destacados pelos participantes, eles correspondem à ordem alfabética de 1 a 26, mas há letras puladas, geralmente, àquelas usadas raramente para nomear as coisas em português, por exemplo, o “h”, o “i”, o “j”, o “y”, o “w” e o “k”, essas recentemente recolocadas no alfabeto. Em seguida, nós comemos as guloseimas que compramos, eu levei pão de forma, presunto e queijo, os sacos de salgadinhos, biscoitos e refrigerantes eram passados de mão em mão até se esgotarem, e isso não demorava a acontecer, éramos muitos para pouca comida, ou seja, passamos o dia com fome, e depois voltamos as brincadeiras com múltiplos objetivos. Às dezessete horas, mais ou menos, decidimos voltar para casa e, tal qual a vida, a volta foi barulhenta, mas, um pouco menos, pois, estávamos cansados. Mais uma vez, agora ao lado dos portões do Parque, esperamos o ônibus, o Largo São Francisco, que retorna como Terminal Capelinha. Chegamos nele com a noite já caída, nos despedimos, e cada um seguiu para o ponto de ônibus correspondente ao destino. Eu, entretanto, nervoso com a demora da minha condução, decidi, conjuntamente com uma aluna, sair do terminal e esperar uma van na parada ao lado. Eu aguardava o Jardim Mitsutani ou Jardim Macedônica e ela o Jardim Três Estrelas, os dois primeiros seguem em direção ao Campo Limpo, enquanto o último, por sua vez, vai pela Avenida Ellis Maas, entrando no meio do Capão Redondo, caminhos opostos, mas com conduções igualmente demoradas. (PINTO, 2018, pp.43-44)

O *rolê* aconteceu em junho, geralmente os últimos meses antes do recesso de meio de ano é escolhido para a realização da gincana, e nos dias que se seguiram ele foi o tema de algumas conversas em sala. Os jovens pareciam ter

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7 – Antropologia Urbana

gostado muito de minha participação, eu também havia ficado com a tutela deles durante a disputa, e essas duas situações parecem ter me ajudado a melhorar a relação com eles, não só com os alunos do Segundo G, mas também com os outros. Foi essa situação, junto a minha disposição em participar de outras atividades, que me fizeram um convidado em potencial de suas atividades. E a gincana exerceria, ainda sobre a minha relação com os alunos, um importante papel para o estreitamento dos laços.

No ano seguinte, diferente do anterior, não fiquei responsável em ajudar nenhuma turma, apenas assistia a disputa, ajudava no julgamento das provas feitas e na organização geral de toda a atividade. A gincana é realizada nos três turnos de funcionamento da escola, manhã, tarde e noite, e cada um deles tem o seu próprio campeão. Dessa vez, os campeões do período noturno, um horário reservado para os alunos mais velhos ou para aqueles que trabalhavam em horário comercial, decidi fazer uma festa, uma *party*, utilizando o idioma inglês como fazem eles, no final de semana, um sábado, depois das dezoito horas. Eu soube da festa quando alguns alunos, uma garota e duas meninas, responsáveis pela turma campeã, pediram para dar um recado aos meus alunos, segundo me disseram: a festa seria realizada em um bufê da região, haveria DJ para animar, venda de bebidas e o custo para participação seria de dez reais. Muitos alunos se interessaram em estar presente, mas, não só, outros quiseram organizar as suas próprias comemorações:

Uma delas pude acompanhar com maior atenção, pois, os seus idealizadores, dois líderes da equipe amarela do período vespertino, e um antigo aluno, formado no ano anterior, e para quem lecionei no Terceiro Ano matutino, usavam os intervalos entre as aulas e os períodos entre um turno e outro para organizar o evento, esse último, por sua vez, embora não pudesse entrar na escola, utilizava o fato de ser conhecido e ter amizades com os gestores para ter acesso ao espaço escolar. Segundo eles me informavam, o ingresso custaria dez reais, caso fosse comprado antecipadamente, e na porta, isto é, no dia da festa o preço seria elevado para quinze reais, a compra das bebidas e as contratações do DJ e da segurança já estavam garantidos com o valor arrecadado com a venda dos ingressos para os outros alunos. Porém, estava difícil locar um bufê, pois, os donos não queriam fazer negócio com os jovens, não por eles serem menores de idade, os dois estudantes haviam chamado o aluno já formado, justamente, para lidar com as questões legais, por ele ser maior de idade, contudo, este não era o principal problema, mas sim, os tumultos causados e os vandalismos deixados pelos membros da comunidade discente nos eventos anteriores. Não tardou muito, todavia, e o trio logo conseguiu encontrar um salão que ainda não tinha sido contratado por ninguém, instalado em uma rua próxima à paróquia do Capão Redondo.

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

A festa foi batizada de “Golden Party”, fazendo referência à cor da equipe da gincana, e ocorreu na noite de sábado, sendo, o seu horário, das dezenove às vinte e três horas. O bufê ficava no alto de um edifício de três andares, no primeiro era ocupado por uma loja de materiais para construção e ao lado, seguindo uma parede cor de pêssego, uma porta de metal dava acesso aos andares superiores do salão. Na porta, dois dos organizadores fiscalizavam a entrada e a saída dos convivas. Para participar era preciso confirmar o nome na lista de pagamentos, que estava no caderno que os produtores utilizavam em suas reuniões na escola, outra exigência era passar por uma revista realizada por seguranças contratados. Por fim, eram necessários alguns lances de escada para se chegar ao segundo dos dois salões do bufê. Quando eu cheguei haviam poucas pessoas na festa, isso me permitiu observar o lugar com bastante atenção. Sua estrutura era quadrada, em frente as escadas uma parede tinha grandes janelas de vidro que davam visão para a rua; oposto a ela ficavam as toaletes, quais eram separados da área de circulação por duas finas paredes de tijolinhos vermelhos. Nas laterais, ao lado da escada, ficavam a área do bar e a mesa do discotecário; e do lado contrário, uma parede cheia de luminárias deixava o lugar à meia-luz.

O salão era uma área só, onde os convivas podiam circular e dançar, e seu teto era de telhas onduladas de fibrocimento cinza, e nele uma outra luminária projetava luzes coloridas. No início, a música era tocada moderadamente e aos poucos, conforme chegavam as pessoas, o volume aumentava. Os convivas entravam ora em grupo, ora sozinhos e, por vezes, aguardavam os amigos na porta do bufê. Muitos carregavam consigo garrafas de bebidas destiladas, como vodca, uísque, tequila, frascos de dois litros de energético e, alguns, levavam refrigerante. Aos poucos o salão enchia e conversas misturavam-se as músicas, e a circulação fácil dava lugar a um intenso ir e vir de pessoas. Os convidados dividiam-se em grupo pelo ambiente, alguns estacionavam nas janelas, outros circulavam ou ficavam em rodinhas fechadas. Essas aglomerações desfaziam quando as músicas mais conhecidas, pelos convivas, cortavam o ar, nessa hora o centro do salão era invadido e assim podia-se vislumbrar uma pista de dança. Esses eram os meus momentos favoritos, e creio que os dos convivas também que bailavam ao som dos estilos preferidos, o sertanejo universitário e o funk.

A jocosidade era um importante elemento na comunicação na festa, a todo tempo ouviam-se risadas, conversas e desafios feitos uns aos outros. O chiste estava presente no cotidiano escolar entre os jovens e para provocar rupturas na ordem estabelecida pelos professores na sala de aula. Na festa ele dava o tom de muitas conversas, as brincadeiras visavam desestabilizar o companheiro, provocar a vergonha, mas não como enfrentamento, tal qual nas relações com os professores, e sim objetivando tornar público as confidências feitas entre os amigos. As perguntas direcionadas a mim tencionavam sanar suspeitas sobre minha vida pessoal, essas dúvidas apareciam em cochichos ouvidos por mim durante as atividades escolares. Em determinado momento o evento era uma confusão de falas, sons, luzes e fumaça feita artificialmente por uma máquina. Alguns rapazes passeavam com garrafas de tequila, oferecendo aos amigos juntamente com limão e sal, e havia na ação de colocar o sal na mão, levá-lo à boca, tomar uma dose da tequila e chupar o limão um ar de cerimônia. A bebida, ao que pude perceber, era menos consumida do que as outras e não era misturada a energéticos ou refrigerantes. O consumo do álcool, tal como o de tabaco, seja como cigarro comum ou narguilé, faziam parte do conjunto das práticas extra-cotidianas da festa. Esses elementos são utilizados de distintas maneiras dentro de suas categorias, a tequila é consumida com mais cerimônia que o uísque, e esse com mais cerimônia

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

que a vodca com energético, o cigarro com sabor é utilizado individualmente, enquanto o narguilé, por suas características, é tragado em conjunto entre os amigos, havia, também, outros pequenos rituais feitos aqui e acolá, seja no consumo ou, mesmo, nas relações de brincadeira e paquera entre os sujeitos. A festa encerrou-se às vinte e três horas com os organizadores pedindo para as pessoas irem embora, pois, o horário contratado estava terminando e era preciso limpar o local para a devolução. As pessoas saíam com os mesmos grupos com as quais chegaram ou encontraram durante o evento. Eu não fiquei para verificar como acontecia a higienização do salão, porque já era tarde e as redondezas são perigosas, por esse motivo, igualmente, o deslocamento da maioria dos participantes ocorreu em grupo. (PINTO, 2018, pp.45-47)

A festa foi o motivo de muitas conversas, inclusive a respeito de minha estranha ida, eles não acreditavam que eu iria participar de alguma atividade deles desse nível, não havia responsável alguns, senão eles mesmos. Os responsáveis pela festa até evitavam falar sobre minha participação, pois acreditavam que isso poderia “sujar” o meu lado com a direção da escola. Nos meses seguintes, de junho até dezembro, outras *parties* se seguiram, porém não mais participei deles, inclusive, ao final do ano, deixei a escola em razão do fim do meu contrato com ela. Todavia, o meu contato com meus ex-alunos não padeceu, alguns deles, os mais próximos me chamavam para as suas *sociais*, e apresento quatro delas:

A primeira aconteceu em maio, Camila, 23 anos, integrante do Terceiro Ano G de 2013, e líder da equipe campeã da gincana desse ano, me chamou através do Facebook para ir com ela na casa de sua amiga, “é uma social com o pessoal, professor, vai a Amandinha, Roberta, Bruna e o Jeferson, vamos?”. No início, considerei não ir, mas ela insistiu e decidi participar, combinamos todos de nós encontrarmos às vinte e duas horas de sábado em frente à Estação Capão Redondo do Metrô, pois, era o lugar mais seguro, e iríamos andando até a residência da garota, localizada no Jardim Capão Redondo. A nossa caminhada levou mais de meia hora, saindo do metro, passando pela Avenida Ellis Maas, Comendador Sant’Anna e entrando na Rua Henrique San Mindlin, demorando mais do que esperávamos, e apesar de conhecer o local, eu nunca tinha feito esse caminho a pé. Camila sempre foi a mais animada do grupo de amigas, e não foi diferente na social, ela já chegou gritando e chamando a dona da casa, enquanto o restante do grupo parecia ainda um pouco deslocado. Nós subimos um lance de escada e encontramos um quintal grande, retangular e concretado, ao lado direito havia uma mesa de cozinha que fazia às vezes de bar e mesa de som, nela estavam um notebook usado para gerenciar as músicas tocadas, em alto e bom som por dois amplificadores, um em cada lado da mesa, e alguns baldes de limpeza cheio de gelo, cerveja, vodca, uísque e, ao lado, garrafas de dois litros de energético. Alguns rapazes estavam espalhados e em grupo arrumavam e tentavam acender o narguilé, enquanto as garotas apenas olhavam e davam palpites sobre a montagem do aparelho, e eles eram de vários tamanhos e cores, havia os grandes, cheios de ornamentos e com quatro bocais para fumar, e os menores, menos enfeitados e com apenas duas mangueiras. Eu me sentei em um

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

banco, ao lado da mesa, feito com uma tábua de madeira e alguns blocos de concreto, e esperei, enquanto os meus companheiros se espalhavam. Quando percebi, Camila veio de dentro da casa com um grande copo de acrílico, azul e transparente, na mão e dizendo, “toma professor, toma! É energético, pode tomar, é nosso esse copo”. Em realidade, não continha apenas energético no copo, era uma mistura dele com uísque, cujo sabor estava muito forte. Não era a minha intenção ficar bêbado, então apenas bebericava de vez em quando e Camila, por sua vez, bebia bastante, mas, muito esperta, reparou em minha postura, “aí, professor, você está bebendo pouco! É para se divertir, pode beber”, entretanto, continuei com minha postura.

A social parecia estar no início, pois, a dona da casa ainda ajeitava a decoração, andando de um lado ao outro com apetrechos, lâmpadas incandescentes e tecidos coloridos e a Camila a ajudava na tarefa, parando, apenas, para beber e mudar as músicas. E, embora passasse das vinte e três horas, tarde para mim, os jovens ainda estavam chegando, enchendo o quintal pouco a pouco. Os convidados formavam grupos que se amontoavam, principalmente, nos cantos, ao redor dos narguilés e no pequeno muro de frente para rua, o qual delimitava o espaço onde estávamos. Todos pareciam se divertir, eu, entretanto, me sentia deslocado, as músicas não eram as minhas favoritas, tampouco eu gostava de fumar narguilé, os jovens, por sua vez, apreciavam bastante, não só tragar, mas todo o ritual entorno dessa atividade, inclusive, expirar grandes quantidades de fumaça, alguns, até, desenhavam formas arredondadas, sobrando-a pela boca. Em meu relógio passada da meia-noite e, por estar cansado, decidi ir embora, porém, para não chamar a atenção de ninguém que insistisse para eu ficar, saí calmamente, fingindo estar apenas passeando. Por causa do horário, não sabia se ainda estava passando ônibus. Existia uma condução especial na madrugada e, refazendo o caminho da ida, cheguei na avenida principal, Comendador Sant’Anna, e fui para casa olhando sempre ao meu redor, para resguardar a minha segurança. Entrei em casa quase a uma hora da manhã, e considerando estar já em segurança, peguei meu telefone celular para avisar a Camila, por meio de mensagem de texto, que eu não estava me sentindo bem e tinha decidido voltar para casa. Segundo ela, no dia seguinte, respondendo também por mensagem, a social tinha sido um sucesso, ela bebera muito, mas, ao contrário de seus amigos, inclusive os nossos conhecidos, não ficou bêbada, e ainda completou dizendo que eu perdi um festão, e se o meu problema fosse o cansaço eu poderia ter dormido na casa da menina, igual ela fez, sem correr o risco de ser assaltado.

O perigo estava presente também nas outras três sociais das quais participei, dois meses depois dessa, na residência de um amigo dos meus ex-alunos, todos do Terceiro Ano H, turma pertencente à equipe verde do ano de 2013. Eles moravam, relativamente, perto da casa onde ocorreu a última social, mais ou menos, quinze minutos andando, nas imediações do Fabricas de Cultura, equipamento estadual destinado à difusão e produção de expressões culturais, música, literatura e vídeo, do Capão Redondo. Chegar na região, todavia, dependia de outro acesso, ao invés de ir pela Avenida Comendador Sant’Anna, era preciso subir a Estrada de Itapecerica, realizando uma espécie de meio círculo contrário para se chegar quase ao mesmo destino.

Desde 2013, eu conversava sempre com Bianca, Carla e Juliana, amigas inseparáveis desde o Primeiro Ano do Ensino Médio, sobre os assuntos mais corriqueiros e que nos ligava, a escola e ao distrito, especialmente, a respeito da violência da região onde elas moravam. Bianca me contou sobre os perigos de seu bairro, afirmou que a maioria dos

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7 – Antropologia Urbana

assaltos ocorriam à noite e pela manhã, causando-lhe medo de ir e voltar do trabalho, agora, no entanto, “a audácia dos bandidos estava tão grande que não tinha hora, podia ser até de tarde, professor, eles vêm até o seu portão, pedem o celular e fogem. Ninguém faz nada, a polícia nem passa por aqui, só vai lá na avenida [Estrada de Itapecerica da Serra]”. Nesse ano ela e o namorado foram assaltados, não ao mesmo tempo, perto de suas residências, por isso a revolta da garota, e o nosso medo em voltar para casa depois de nossos encontros. As sociais aconteceram em sábados à noite, cada convidado deveria, sem obrigação, levar algo para comer e beber, preferencialmente, salgadinhos e biscoitos, refrigerante, vinho e Ice (mistura de bebida alcoólica, vodca, cerveja ou cachaça, com suco de frutas e gás), como a maioria dos jovens não trabalhavam, geralmente, os produtos eram todos os mais baratos, disponíveis nos mercadinhos e na única padaria da região. As reuniões na residência de Joel, 25 anos, diferenciavam-se da social anterior, apesar de elas aglutinarem amigos de escola e da vizinhança, e tocarem as mesmas músicas, eletrônico, funk e sertanejo universitário, também ouvidas nas *parties*, elas priorizavam a intimidade, todos os convidados eram, necessariamente, amigos íntimos, excetuando a mim e os “ficantes”, isto é, as parceiras e os parceiros românticos dos presentes.

O rapaz, nosso anfitrião, dispunha algumas cadeiras e banquinhos de madeira em círculo, nos sentávamos de frente uns para os outros, e todos participavam das conversas, como, uma espécie de plenária, comentando sobre a nossa vida pessoal, os projetos de vida, e eu, o mais velho, todos tinham entre 18 e 25 anos, ouvia e discorria acerca dos sonhos profissionais deles. A vontade de Bianca era ser cineasta, todavia, segundo ela, não existiam muitos cursos no estado, e os que haviam eram pagos ou difíceis de entrar, sendo, na verdade “uma profissão para ricos”, pois, ela “jamais conseguiria entrar na USP [Universidade de São Paulo]” com o seu conhecimento adquirido em escola públicas, “e bancar todo o material caro que pedem na universidade”. Carla, por sua vez, interessava-se por Psicologia, mas, por ter sido diagnosticada com câncer no Ensino Médio, resolveu esperar e se recuperar, antes de tentar entrar no Ensino Superior. Juliana, a mais nova, ainda estava no Terceiro Ano, e Joel estudava Assistência Social e trabalhava como Guarda-Vidas em um clube, enquanto, ela queria fazer Biblioteconomia, pois, fazia um curso técnico voltado para a mesma área, ele, por seu turno, queria ajudar as pessoas em situação de vulnerabilidade. Nos anos seguintes, entretanto, apesar da maioria deles alcançarem seus intentos, Bianca começou a se dedicar as artes da maquiagem, abriu uma loja de produtos de beleza e de consultoria estética, após concluir um curso técnico. Um dos momentos mais descontraídos das sociais ficava por conta da mãe de Joel, nos dias de reunião ele trocava a lâmpada incandescente da garagem, onde ocorriam as atividades, por uma luminária giratória que iluminava o ambiente com várias cores, e a sua mãe, por sentir-se incomodada, gritava de dentro da casa para ele apaga-la. Todos ríamos, ele, todavia, desligava-a por pouco tempo, e, após alguns minutos, voltava a ligá-la e a mãe voltava a reclamar, e nós caíamos mais uma vez na gargalhada. A atividade não entrava madrugada a dentro, pois, Joel acordava às seis horas da manhã para trabalhar e dormia cedo. Não sem antes, todavia, nos levar para casa em seu carro, pois, todos concordavam que havia o risco de ser assaltado no ponto de ônibus. Os riscos, entretanto, como bem colocou Bianca, não se restringiam às altas horas da noite e ao raiar do dia. Eu, mesmo, enquanto, me encaminhava para uma quarta social nas imediações, dessa vez na casa de Ana, também, formada com as outras três garotas, julgava estar à salvo, por ser ainda dezoito horas, quando fui assaltado por dois rapazes em um moto que, talvez sim ou talvez não, trabalhavam para uma pizzeria, pois, carregavam uma grande bolsa térmica. Tudo aconteceu logo após eu

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

descer no ônibus na Estrada de Itapeçerica, então, comecei a mexer em meu celular para pedir informações a uma garota sobre como chegar à sua residência, quando, de repente, vi uma moto fazer uma curva e vir em direção a mim. À primeira vista eu não me preocupei, porque, justamente, eles traziam a bolsa, mas o carona retirou uma arma de sua blusa de moletom e, enfaticamente, me pediu o celular, o que eu fiz sem pestanejar. Ao meu lado, dois meninos passavam, eles, entretanto, não podiam fazer nada, apenas assistiram à cena, enquanto os dois ladrões pediam que corresse, antes de algo de ruim acontecer com eles. Para minha sorte, somente o telefone celular foi levado. Eu fiquei com minha garrafa de vinho, o maço de cigarro, um pacote de salgadinho sabor queijo, dinheiro e o bilhete único, assim pude voltar para a minha casa, avisar sobre o incidente e fazer o boletim de ocorrência pela internet. E, depois desse dia, resolvi não mais participar de sociais por essas bandas do Capão Redondo, o que o pessoal entendeu bem, devido ao medo que também tinham do lugar.

No ano de 2015, eu lecionava em uma escola instalada a duzentos metros da outro, e todo dia passava por ela. Nas idas e vindas do novo colégio eu parava, quando possível, e conversava com meus antigos alunos. Nesse ano, eles estavam ainda no ritmo das *parties*, produzindo-as sem qualquer relação com a escola, apenas para a comunidade dos discentes e os seus amigos da vizinhança. Eu não sabia o quanto grande haviam ficado esses eventos até voltar a acompanhá-los, pois fiz esses três lazers o meu tema de pesquisa de mestrado, buscando saber como os jovens articulavam as suas possibilidades e suas sociabilidades para produzi-los e, mesmo, vivenciá-los.

Em março de 2016, o mês de entrada no programa de pós-graduação, voltei a entrar em contato com muitos de meus ex-alunos. Um deles, especialmente, contou que agora havia poucas *parties*, a que existia era realizada para celebrar o início, o meio e o final do ano na escola, e os alunos estavam mais interessados em produzir *bailes funk*. Segundo me foi dito, isso se deu em razão do fato dos organizadores terem descoberto a possibilidade de lucrar com a festa e, para isso, especializando-a em um único ritmo, isso lhe deu uma característica particular em contraposição a heterogênea *party*, e abrindo-a para uma comunidade juvenil muito maior. Eu me interessei por isso e, durante alguns meses, acompanhei a produção dos *bailes* através da internet, um local privilegiado para a divulgação deles. Na internet, em especial, através das redes sociais, os jovens mantinham o contato uns com os outros, em uma espécie de continuação virtual das relações face-a-face, e conseguiam promover a atividade para muito mais pessoas. Eu acompanhei as

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

páginas criadas no Facebook até setembro, quanto decidi participar de um *baile*, realizado em um sábado, das dezesseis as vinte e quatro horas:

De minha casa, localizada no Capão Redondo, até o Campo Limpo, onde estava localizado o espaço do evento, alugado para o baile Eclipse Party, foram dez minutos de ônibus pela avenida principal de ligação entre os dois distritos. Durante a viagem eu observava as pessoas caminhando nas calçadas, entrando em lojas de roupa, açougues, igrejas e supermercados; e, ao mesmo tempo, eu buscava nos prédios suas numerações para saber se o meu destino estava chegando. Eu descii no lugar indicado pelos organizadores da atividade, “um ponto depois do CEU Campo Limpo”, e ao olhar para o outro lado da avenida verifiquei uma pequena aglomeração de adolescentes em frente a uma loja de equipamentos automotivos. Garotos e garotas, em pequenos grupos espalhados na calçada pareciam esperar alguma coisa, uns observavam o celular, outros conversavam e, embora, eu estivesse com o endereço em mãos a certeza de haver chegado só me foi dada por essa visão. Fazendo o mesmo trajeto que eu, buscando uma faixa de pedestres para atravessar a movimentada avenida com seus carros e ônibus passando pelas duas mãos do caminho, três meninos andavam e animadamente conversavam entre si.

O lugar ficava entre uma igreja Renascer em Cristo e uma casa em construção, ele tinha uma fachada vermelha e, espalhados nela, muitos grafites representavam equipamentos para carro. O prédio era composto por dois pisos, o principal no nível da rua era o da loja automotiva e, ao lado, em um pequeno declive um portão de ferro dava entrada para o salão. Na porta um rapaz, aparentando uns trinta anos, me perguntou se eu “tinha antecipado” ou se “pagaria na porta”; com minha resposta confirmando a última opção ele apontou-me uma adolescente no interior do prédio. Eu estava dentro do salão, mas não estava no baile, era um espaço de circulação proibida aos convidados e servia para coordenar a entrada e saída das pessoas. Este ficava logo abaixo ao piso da loja e era limitado por grades de ferro, dessas utilizadas para organizar filas em venda de ingressos para shows, e por um grande tecido Não Tecido (TNT) preto suspenso no ar e amarrado ao teto. A moça foi ao meu encontro e me informou o custo de cinquenta reais para a entrada, trinta e cinco reais a mais do valor, caso se eu tivesse comprado antecipadamente. Eu entreguei o dinheiro a ela e fui encaminhado a revista, logo após atravessar um espaço aberto entre as grades de ferro. Um segurança vestindo terno preto revistou a mim e meu maço de cigarros, provavelmente, na busca por drogas ilícitas. A seu lado, havia mais dois seguranças e um bombeiro.

Eu me surpreendi em adentrar o espaço: a visão do lado de fora não permitia crer na existência de uma área tão extensa embaixo da loja de materiais para carro, todo o ambiente obedecia ao declive do terreno e - no ponto em que eu estava - era possível observar dois ambientes principais. A primeira área tinha formato de um “L”, pois, desde os limites do terreno com a calçada, uma estrutura seguia pelo lado esquerdo até a metade dessa área. Esse cômodo parecia ser uma moradia, mas não foi verificado em detalhe, pois suas janelas e portas estavam fechadas. No espaço deixado pela estrutura havia um bar improvisado em uma cozinha externa; e, oposta a ele, uma parede estendia-se até o final da pista de dança. O bar tinha como limite um balcão com tampo de ardósia, junto a ele pias e refrigeradores horizontais serviam para os balconistas prepararem e guardarem as bebidas; ao fundo havia uma churrasqueira e uma parede servindo de expositor de copos, cigarros saborizados e produtos para consumo de narguilé. Seguindo o declive, ao lado do bar, localizavam-se os

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

banheiros masculino e feminino. A segunda área, a pista de dança, era muito ampla e, ao fundo, um palco improvisado estava encostado na parede limite do terreno. Nessa, um grande pedaço de Tecido Não Tecido preto estava pendurado e servia de tela para anunciar o nome e a temática do baile, ambos escritos com cartolina recortada em formato de letras. No palco havia algumas mesas de plásticos para o discotecário colocarem seu equipamento e trabalharem, esse era o espaço também para a apresentação do Mestre de Cerimônias contratado. O restante do local estava aberto para usufruto dos convidados, para reunirem-se, beberem, utilizarem narguilé ou dançarem. Nesse, a esquerda, havia um bar para a venda de combos de bebidas, esses combos são compostos de uma garrafa de destilado e energético.

No horário que cheguei, uma hora depois do anunciado pelos organizadores que era as dezesseis horas, o baile já contava com um grande contingente de convidados. A aglomeração concentrava-se nos bares e na pista de dança, onde alguns adolescentes em grupo fumavam narguilé encostados às colunas, enquanto a primeira área servia de passagem e local de espera. No bar havia duas adolescentes, um rapaz mais velho e uma senhora vendendo as bebidas em ritmo frenético, mal conseguiam atender as demandas. Muitos dos sujeitos amontoados em frente ao balcão estavam interessados nos destilados e na compra dos “copos do baile”. Os copos são feitos de acrílico colorido e transparente, em suas laterais estão escritos o nome do baile e o seu motivo, e sua aquisição dá direito ao convidado de usufruir doses de algumas bebidas durante toda a atividade. Devido ao grande consumo de bebidas alcoólicas os organizadores corriam de um lado para o outro, entre a rua, o estoque e o bar, carregando os produtos a serem vendidos. Todos portavam no pescoço colares de tecido com um crachá e assim dava para identificá-los, e entre eles estavam muitos alunos, assim como o eram muitos frequentadores. Muitos deles vieram falar comigo, perguntavam sobre o colégio e o que eu estava fazendo ali. Dentre eles, duas meninas, para as quais fui professor do primeiro ano do Ensino Médio, brincavam dizendo que eu havia ido à festa para beber e procurar “novinhas”. A surpresa por eu estar ali era expressa nas feições de muitos que me reconheciam, mas me cumprimentavam apenas com um aceno de cabeça.

A vestimenta dos presentes, rapazes e moças, obedecia a um certo padrão dentro da diversidade existente. A maioria dos meninos estava de boné na cabeça, camisetas coloridas e algumas identificadas com marcas famosas e locais, como as da grife Vila Fundão – Guerreiroz. Uns vestiam calça jeans ou bermuda colorida de tecido sintético. As meninas enroupavam-se com camisetas curtas coladas ao corpo e, a maioria delas, usavam shorts jeans relativamente curtos. Outros trajés, por serem usados por uma minoria de meninos, destacavam-se, era o caso das camisetas com alusão a cultura reggae e o movimento hip-hop. Os cortes de cabelo masculino eram bem parecidos, raspado dos lados e alto em cima, e alguns poucos rapazes negros usavam o estilo black power. As meninas usavam os cabelos longos, alisados, e outras cacheados. Era possível identificar muitos grupos dispersos, reunidos em rodinhas fixas, entre eles, posso destacar os agrupamentos de idade, sexo, as culturas acima citadas, e os grupos de rapazes frequentadores de academia que retiravam as camisetas para exibir os músculos na festa.

Os coletivos e indivíduos em trânsito entre os ambientes abriam caminhos entre os grupos parados causando congestionamentos de pessoas. Como um observador, na busca por apreender os acontecimentos, eu era um desses nômades. Eu instalava-me durante um tempo em pontos

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

estratégicos que tornavam minha visão do evento mais ampla para acompanhar o desenrolar e o comportamento dos convivas. Em minha estadia nesses lugares presenciei alguns casos de socorro à sujeitos que excederam no consumo de álcool, esses eram ajudados pelos amigos que ofereciam água ou pediam para eles se sentarem e esperarem os efeitos da bebedeira passar. No decorrer da noite os casos de consumo excessivo de álcool foram aumentando, mas sem ocorrências mais graves, pelo que eu pude verificar. Eu não era o único a observar, seguranças e bombeiros ficavam apostos vigiando estrategicamente; bem como uma equipe de fotógrafos profissionais o faziam para capturar os momentos mais interessantes. Conforme o tempo passava o ambiente ficava cada vez mais cheia e a mobilidade mais difícil, devido a quantidade de pessoas e a pouca luz. A primeira área era a mais iluminada, por ser aberta, recebia a luz do sol, todavia, tornou-se a mais escura, sendo aclarada por lâmpadas comuns; em contraposição a ela, a pista de dança tornava-se mais clara com maior número de luzes e refletores coloridos acesos conforme caía a noite. Em um primeiro momento o baile aproximava-se de uma balada, onde sujeitos em seus grupos participavam de um evento regado por músicas, bebidas e dança. Nessa parte do evento, a principal atração era o discotecário, qual animava os participantes tocando os grandes sucessos do funk, quando a música era realmente muito conhecida a maioria dos presentes cantavam e dançavam em coro. Com a noite já caída, próximo às vinte e uma horas, começaram os rumores da apresentação do Mestre de Cerimônias (MC). Nesse momento, o convívio entre os indivíduos ligados a seus grupos, o bar, os passinhos de dança e o narguilé coletivamente utilizado, cederam o protagonismo para o palco. Durante a apresentação os convivas apertavam-se na grade que os separavam do palco, cantavam com o MC e gravavam o show com seus telefones celulares. O MC cantava e interagia, chamava as meninas ao palco para dançarem as coreografias, enquanto a plateia participava gritando, cantando e assobiando. Na mesa do discotecário que acompanhava a estrela havia sempre disponíveis garrafinhas com água, vários cascos de dois litros de energético e uísque Red Label. Os telefones celulares eram utilizados também pelo MC. Enquanto cantava, ele gravava a si mesmo e o show, apontando a câmera de modo a enquadrar a sua performance e a ação dos convivas.

A apresentação é o clímax do evento, no qual as atenções dos participantes estão direcionadas para o palco, onde artistas e organizadores tentam criar um espetáculo apoteótico. Refletores movimentavam-se jogando luzes coloridas no ambiente, projetores de raio laser desenhavam de verde suas paredes, e conjuntamente com a fumaça das máquinas e a iluminação estroboscópica criavam o show. O espetáculo durou quarenta minutos, terminando depois das vinte e três horas, e seu fim marcou o encerramento do evento. A saída de todos transcorreu tranquilamente, os convidados ajudavam os amigos alcoolizados, saíam em grupo, enquanto a equipe de produção começava os preparativos para organizar e devolver o espaço em ordem. O deslocamento da maioria das pessoas ocorreu em direção ao ponto de ônibus do sentido inverso ao usado para chegar, isto é, majoritariamente os frequentadores do baile residiam no Capão Redondo, assim como eu. (PINTO, 2018, pp.52-56)

Esse *baile* representa um entre muitos, havia na época, setembro de 2016 até junho de 2018, uma dezena delas. Todo final de semana, final da noite de sexta, sábado a tarde e de madrugada, e no domingo, várias atividades à disposição

daqueles que queria participar. E, mais uma vez, não existiam adultos nelas, somente os contratados, seguranças e bombeiros, os *bailes* que dominavam os espaços de evento tinham um único grupo como protagonista, os jovens, sendo eles, os seus organizadores, artistas, discotecários e mestres de cerimônias, e àqueles que iam apenas para se divertirem. Desse período em diante, isto é, até a última data citada, eu acompanhei a produção, a experimentação e a finalização dos *bailes*, não só o fim deles, mas a publicação das fotografias dos eventos, disponibilizadas nas páginas dos eventos na rede de relacionamentos Facebook, qual marcava, realmente, o final de um baile e o início de um novo.

Categorizando os lazeres

Observando as descrições solta-nos aos olhos três principais elementos: o primeiro faz referência ao número de pessoas em cada atividade; o segundo está ligado ao local no qual cada entretenimento é realizado; e o terceiro, e último, está relacionado ao tipo de experiência em cada lazer. Nesse momento, todavia, vou me concentrar nos dois primeiros, reservando a última questão para uma reflexão própria que, por sua vez, versa sobre uma ideia que perpassa todos eles e que encontra a sua apoteose no *baile*, ela é a ideia de festa.

Se quisermos categorizar os quatro tipos de lazer podemos então, seguindo o que foi discutido no parágrafo anterior, dizer que: a *social* é o lazer mais privado, ele agrega um pequeno número de jovens, geralmente aqueles que compõem um grupo no qual todos se conhecem e mantém uma relação muito próxima, isto é, todos eles são amigos uns dos outros; o *rolê* é um lazer intermediário, ele agrega grupos de amigos, mas também parentes e amigos dos amigos, ou seja, amigos e colegas estão em seu interior; a *party* é uma prática maior, ela é realizada por um grupo dentro de uma comunidade maior, nesse caso a *party* é criada por um grupo de amigos que comunga com outros uma vida institucional comum, a escola, sendo eles, amigos, colegas e conhecidos; e o *baile*, por sua vez, é o lazer de maior complexidade, ela possui as características da *party*, porém, não é criada por e para uma comunidade discente, mas, sim, para a comunidade jovem interessada no estilo musical funk.

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

Até aqui falamos de sociabilidade², falta-nos, agora, pensarmos o local onde cada lazer acontece. Obedecendo o tipo de categorização criada anteriormente, pode-se dizer: a *social* acontece no espaço privado da casa; o *rolê*, pelo fato de pedir o deslocamento, acontece em locais públicos ou privados, dentro ou fora do bairro; a *party* sempre é realizada em um equipamento privado de lazer, bufês ou espaços de eventos, majoritariamente na região entre a escola e as casas dos sujeitos; e o *baile*, por sua vez, apesar de também ser realizado nos espaços das *parties*, esses estão dispostos por toda a região, não somente entre a casa e a escola.

Nessa perspectiva podemos pensar que os quatro lazeres constituem um grupo de atividades possíveis para os jovens do Capão Redondo. E, mesmo, cada uma delas pode transmutar-se ou se compor através das outras, por exemplo, para alguém que vai ao *baile* ou a uma *party*, as duas podem ser um *rolê*, porque ele está se deslocando com os seus amigos para uma atividade de interesse. Um grupo produtor de *baile*, por sua vez, pode desenvolver, e de fato o faz, conforme verifiquei, uma *social* para os mais próximos em casas alugadas na região. E, por isso mesmo, uma *social* se aproxima de uma *party*, quando agrega muita gente e tem a sua produção mais complexa, conforme podemos ver na descrição da seção anterior. Esse caráter múltiplo e heterogêneo, até confuso as vezes, é justamente a característica do local social onde essas atividades estão, o mundo do lazer:

O tempo livre como sinônimo de um período liberado, entre os tempos do trabalho e das obrigações sociais e individuais, é oriundo dos desenvolvimentos das sociedades modernas, ou seja, emerge na reorganização do trabalho dentro de um domínio próprio, arbitrário, e destacado das outras atividades da vida, em associação com a diminuição do controle das instituições sociais sobre os sujeitos (DUMAZEDIER, 2008, p.55). E esses dois movimentos simultâneos permitem aos indivíduos ocuparem os períodos antitrabalhos com práticas “cujo fim é, primeiramente, a satisfação do ser próprio por si mesmo” (Idem, ibidem, p.45), sendo essa, justamente, a definição mais apurada de lazer. Assim, nesse período autônomo da vida, os indivíduos estão liberados, dentro de suas possibilidades socioeconômicas, culturais, históricas e espaciais, “para

² Simmel (2016) conceitua a sociabilidade como uma socição lúdica, formada quanto indivíduos guiados por seus interesses vão em direção a uma unidade, no seio da qual os seus interesses se realizam. Acompanhado desses objetivos, os sujeitos carregam consigo o sentimento de estarem sociados e “esse impulso leva a essa forma de existência e que por vezes invoca os conteúdos reais que carregam consigo a socição em particular” (Idem, ibidem., p.64). Em sua forma pura, a sociabilidade “não tem qualquer finalidade objetiva, qualquer conteúdo ou qualquer resultado que estivesse, por assim dizer, fora do instante sociável [...]. Nada se deve buscar nela além da satisfação do instante – quando muito de sua lembrança” (SIMMEL, 2006, p.66).

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

participar ou mesmo para gerar novos mundos simbólicos de entretenimento, esporte, jogos, diversões de toda espécie” e, ainda, mais, livres “*para transcender as limitações sociais estruturais*” e “*brincar... com ideias, fantasias, palavras [...], tinta [...] e relações sociais com os amigos*” (TURNER, 2015, p.49, itálicos do autor).

Essa é a distinção do tempo livre em referência ao tempo ocupado, pois, esse último, por sua vez, “está no domínio da adaptação racional dos meios aos fins” (TURNER, 2015, p.45), isto é, faz parte do domínio objetivo da vida. A dimensão subjetiva, ao contrário da objetiva, caracterizada “como um sistema estruturado, diferenciado e frequentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliação de ‘mais’ ou de ‘menos’” (TURNER, 2013, p.99, aspas do autor), na qual os sujeitos se relacionam a partir de suas posições e agem a partir de seus papéis dentro dela, é definida por outro tipo de relação humana, “o da sociedade considerada como um comutatus não estruturado ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais” (TURNER, 2013 p.99, itálicos do autor), ou seja, é baseada nos vínculos sentimentais e afetivos entre os sujeitos que, a partir de seus interesses, podem ser exercitados através de uma miríade de atividades de lazer. Essas que, diferente das atividades institucionais, não são realizadas na observação de suas finalidades, mas se comprazem como “um tipo de assimilação livre, sem submissão às condições espaciais ou ao significado dos objetos” (PIAGET, 1962, p.86 apud TURNER, 2015, p.46), isto é, elas são brincadeiras em oposição aos trabalhos da “vida séria” (DURKHEIM, 1996, p.418)

O conjunto das atividades recreativas é amplo e variado, entre os vários gêneros de lazer encontram-se, por exemplo, atividades antes regidas pelas leis da espécie e o dever institucional, como, o sexo e antigos rituais e cerimônias, os carnavais e as festas juninas, os entretenimentos tradicionais, as dramatizações e os espetáculos artísticos de todas as formas, dança e música. Há aqueles desenvolvidos a partir do progresso técnico-científico, o cinema, o rádio, a televisão. E existem, igualmente, os lazeres possibilitados pelo mesmo progresso, as discotecas, os bares, as baladas, os churrascos e excursões de todo tipo, através de aviões, barcos, navios, ônibus, carros e etc. (DUMAZEDIER, 2008, p.44; TURNER, 2015, p.57).

Diante dessa multiplicidade, os lazeres podem ser distinguidos em dois tipos, conforme indica a definição anterior de Turner (Ibidem, p.49), sendo eles, entretenimentos *para* e entretenimentos *por*: os primeiros tendem a ser criados por pessoas físicas ou jurídicas e são “pensados, a princípio, como oferendas lúdicas disponíveis no mercado ‘livre’” (Ibidem, p.75, aspas do autor), por exemplo, os festivais musicais; enquanto os últimos, propendem a ser coletivos e “relacionados com os ritmos do calendário, com os ritmos biológicos e socioestruturais” (Ibidem, p.74), por exemplo, os aniversários em bares, discotecas e em churrascos. Existem, todavia, os gêneros híbridos entre um e outro, como, os lazeres que surgem do fundo coletivo e tornam-se práticas com objetivo “sérios”, tal-qualmente, o retorno financeiro para os seus realizadores. A multiplicidade dos lazeres dá-se em razão, justamente, do fato dos sujeitos estarem anistiados da ordem objetiva da vida, e poderem, através de antigas e novas formas de rituais, cerimônias e entretenimentos, ou “*brincando com os fatores da cultura e dispondo-os às vezes em combinações improváveis, surpreendentes, chocantes e, em geral, experimentais*” (Ibidem, p.54, itálico do autor) construir as suas atividades singulares, evidentemente, sempre a

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

partir dos interesses individual ou partilhados, portanto elas possuem diferentes estruturas que podem ser observadas na análise do grupo e o imaginário compartilhado. (PINTO, 2018, pp.15-17)

As festas na perspectiva do lazer

Se na primeira parte, apresentada na seção anterior, falamos da construção dos lazers, as últimas palavras da citação acima nos levam para uma outra dimensão igualmente importante, a dimensão “vivenciada e não vivida”, conforme indica Da Matta na introdução à obra de Arnold Van Gannep (2011, p.11), quer dizer, a festa em si como um momento extraordinário, o terceiro ponto assinalado na categorização. Se a festa é liminóide³ e nela os indivíduos vivenciam instantes anistiados das obrigações, assim como podem experimentar outro tipo de correlacionamento humano que Turner (2013, p.99) denomina *communitas*, ela também é uma abertura para um mundo especial, “onde habitam os deuses e onde, em geral, a vida transcorre num pleno de plenitude, abastança e liberdade”, marcado pelo gozo, a alegria e “por valores considerados altamente positivos” (DA MATTA, 1997., p.38,52 [aspas do autor]). É baseada nessa ideia, mas não só, também inspirada nas teorizações de Jean Duvignaud, que Léa Perez (2012, p.39) constrói sua argumentação sobre as festas. Para a antropóloga, a festa é a porta de comunicação entre “mundo real” e “mundo especial”, onde esse último, de fato, ganha existência. Ao criar um espaço para o extraordinário, propõe a pesquisadora, os grupos ou, em outras palavras, “a coletividade pode experimentar, e experimenta, uma existência outra que a do real socializado, uma existência que é própria da festa” (PEREZ, 2012, p.39). Nesse ponto de vista, a festa não diz respeito tão somente a um evento encerrado em um tempo e um espaço que lhe são próprios,

³ Turner, em realidade, denomina as práticas de lazer como gêneros liminóides de tempo livre, isto é, artefatos de entretenimento desenvolvidos para preencher os períodos vagos entre os tempos do trabalho. Eles se distinguem dos momentos liminares, dentro dos rituais, porque “um é todo brincadeira e escolha, uma diversão; o outro envolve uma questão de seriedade profunda, ou mesmo aterrorizante, é exigente, compulsório” (Idem, *ibidem.*, p.57). Esses fenômenos liminóides têm características que ecoam as singularidades dos bailes, sendo eles, o fato de “não serem fenômenos cíclicos, mas gerados continuamente, embora em tempos e lugares à margem dos cenários do trabalho e designados para atividades de ‘lazer’”, se “desenvolverem à margem de processos centrais econômicos e políticos, nas interfaces e nos interstícios das instituições centrais e operantes – são plurais, fragmentários e experimentais”, “tendem a ser idiossincráticos ou estranhos e a ser gerados por indivíduos específicos num determinado grupo [...]. Eles precisam concorrer entre si pelo reconhecimento geral e são pensados, a princípio, como oferendas lúdicas”, “é como uma commodity [...] que o sujeito escolhe e pela qual ele paga” (TURNER, 2015, p.74, 75,76).

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

Mas a um tempo/espço (efêmero e transitório) de exuberância e de explosão de vida, do fazer-se humano, que está fora e alheio ao devir, fora e alheio à duração, pois que é aquilo que está por vir e por fazer-se constantemente no ritmo incessante das passagens (PEREZ, 2012, p.40).

Os pesquisadores, cada um a seu modo, estão chamando a nossa atenção à uma ideia muito importante, de que “a vida não se fecha em uma única dimensão imposta pela Rentabilidade ou a Organização” (DUVIGNAUD, 1983, p.22 apud PEREZ, *ibidem.*, p.39). E, nesse sentido, as festas seriam o espaço/tempo privilegiado para a ascensão ao protagonismo dessas outras dimensões da vida, em detrimento da “realidade”, em Rita Amaral, do “mundo ordinário” ou “cotidiano”, em Roberto Da Matta, da “socioestrutura”, em Turner, e do “real socializado” em Duvignaud e Léa Perez. Embora, não se tenha desenvolvido nas ciências humanas e sociais um corpo de estudos sistematizados sobre esse momento da festa (VELHO, 2012, p.9), estando a maioria das reflexões acerca dele dentro do campo de pesquisa dos rituais e, em especial, dos religiosos (AMARAL, 1998, p.231), autores clássicos apresentam algumas de suas principais características.

Que as festas são feitas de alegria, gozo e liberdade, pelo menos no horizonte que eu trago, é inegável, mas elas também podem apresentar as seguintes qualidades: a) criar uma superação das distâncias entre os indivíduos; b) produzir um estado de efervescência coletiva entre os participantes; c) levar a transgressão das normas mais importantes que regem nossas vidas comuns (DURKHEIM, 1996, p.417-418); d) possuir músicas, danças, cantos, ações exaltadas, a exacerbação da sexualidade, e ações excessivas como a bebedeira, e a alimentação exagerada, isto é, onde todas as possibilidades de consumo são disponibilizadas (CAILLOIS, 2015, p.15; BATAILLE, 2016, p.46); e) ter violência e confronto entre os indivíduos (GIRARD, 1978, apud. VIANNA, 2004 [1987], p.47-48); f) levar “as condutas heréticas, em resumo, tudo o que, a partir da vida coletiva, não tende a se integrar ou a se assimilar ao mana ou a uma cultura” (DUVIGNAUD, apud PEREZ, 2012, p.); g) e, abolir as hierarquias sociais e ser o reino da igualdade (BAKHTIN, 1987, p.9). Não podemos esquecer as conclusões de antropólogos brasileiros à respeito das festas, pois eles fizeram o esforço de sistematizar e refletir acerca das conceituações clássicas, sendo elas: a) não possuindo nenhum dono e servindo para tudo, as festas são os momentos no quais os dias melhores podem

deixar de ser promessa para o fim da história, para se tornarem realidade (VIANNA, 2014 [1987], p.96); b) as festas buscam recuperar a imanência entre criador e criatura, natureza e cultura, tempo e eternidade, anseios individuais e coletivos, mito e história, nós e os outros, revelando e exaltando as contradições da vida (AMARAL, 2012, p.74); c) nas festas os indivíduos encontram-se diante de uma realidade transobjetiva e transubjetiva que retira o social do social, fazendo aflorar as emoções e os sentimentos não domesticados que a vida comum pouco solicita; d) e, como campo do possível na festa pode-se inventar, gestar e criar outras relações do homem consigo mesmo, e com o mundo a sua volta (PEREZ, 2012, p.38-36, 40).

Nesse passo, podemos categorizar de maneira geral os quatro lazeres a partir das perspectivas assinaladas: uma atividade de lazer construída e uma sociabilidade vivenciada. E, seguindo as teorizações de Léa Perez (2012), cada uma delas pode ser vista de um modo específico: a festa em si, para além de todo o sucedido, anterior e posterior, como já dito, é mais que um evento, mas como tal ela possui uma estrutura que lhe é própria, e os autores citados debruçam-se sobre essa ideia. Victor Turner (2013;2015) apresenta muito bem como o rito possui uma organização particular e, igualmente, suplementam Roberto Da Matta (1997), Hermano Vianna (2004 [1987]), Rita Amaral (1998) e Léa Perez (2011; 2012) as festas também possuem. E verificar a ordem dessa estrutura é, de fato, fundamental, pois, ela nos indica o tempo do evento, como ele está repartido, os seus momentos clímax, os atores envolvidos, as ações que nele são permitidas, proibidas e, mesmo, possíveis, sem ser totalmente transgressora ou afirmadora do corpo de normas, assim como suas danças, suas músicas, seus conteúdos simbólicos e as motivações que o engendra.

Léa Perez (2011, p.101), também, nos lembra que a festa é outro mundo experimentado, mas que, diferente do evento, não pode ser compreendido e sim apreendido, pois é “criadora senão das formas que reveste no curso de suas manifestações” (PEREZ, 2012, p.38). Isto é, o extraordinário das festas não se reduz ao evento, não sendo possível tomá-lo a priori, só dá para apanhá-lo através da observação do momento em que acontece. Saber o que é festa em si, desse modo, não parte de uma tentativa de submetê-la a uma sistematização, pois, nesse caso, o máximo que conseguiríamos seria uma descrição simples do que nela acontece.

Cabe, nesse caso, perguntar “qual é a relação [ou, mesmo, quais relações] que a festa estabelece, qual é o mundo da festa, de que mundo ela é perspectiva” (PEREZ, 2011, p.41), possibilitando dar margem, dentro da análise, a contingência e a invenção que, como eu bem percebi, dão a festa um aspecto de bagunça, confusão e, mesmo, uma aparência de um evento sem sentido. E não se pode esquecer que esse aspecto pode ser dado porque, na festa os sujeitos podem brincar com os itens que lhes são dispostos no acontecimento. É esse último ponto que parece estar na reflexão de Vianna (2004 [1987]) quando, ao refletir acerca dos bailes funk carioca do final da década de 1980, diz que neles nenhum engajamento é obrigatório, não há lei que se obedeça para fazer desses eventos uma festa, não há um único caminho a seguir para se divertir, os sujeitos realizam o que querem realizar, seja a partir das vontades individuais ou grupais.

Analiticamente, a festa não se submete a teorizações fechadas, e não corresponde a um único modelo paradigmático, como propõem os clássicos, essa é a conclusão de Vianna, bem como de Rita Amaral (1998; 2012) e Léa Perez (2011;2012). Esses autores comungam a ideia de que a festa em si não está a serviço de objetivos exteriores, conforme se caracterizam os rituais que, na teoria de Turner (2015, p.42) são de vida séria, sendo necessários para manter a vida coletiva, resolver conflitos e promover, entre outras coisas, “a fertilidade dos homens, das plantações e dos animais, tanto domésticos quanto selvagens, curar doenças, prevenir pragas, obter sucesso nas invasões, transformar homens e meninas em mulheres, tornar plebeus em chefes”. De fato, coloca Rita Amaral (2012, p.86), festa e rito “se interpenetram em certos pontos”, afinal de contas há diversão, alegria, gozo e excessos nas celebrações de casamento, nas cerimônias de batizado, nos aniversários e, porque não, nas exaltações dos santos populares e juninos. Pois, por exemplo, se por um lado, o ritual do casamento produz um casal, a celebração dessa união é uma festa que nada nela importa, além da experimentação de seu momento, senão, quando muito de sua lembrança. Essa afirmação recorda Simmel (1996) e não é por acaso, pois, Léa Perez (2011, p.101) pensa a festa como uma sociação lúdica de um tipo específico que é alegre, efervescente e que “a uma vez só, expressa sentimentos, emoções e sonhos coletivos, estrutura pautas e códigos de vínculos, [e] gera imagens multiformes da

vida coletiva”.

Para terminar é interessante pontuar que a festa-questão, isto é, o lazer como acontecimento vivido, possui alguns pressupostos, mas neles ela não se encerra, ao contrário, essa visão nos recorda e possibilita ver que é preciso manter a atenção às coisas não previstas, a contingência, as ações rápidas e fugidias, a grandiosidade do evento, tal qual o vômito no chão do sujeito que ao embriagar-se demais interrompe a festa dos amigos, e o enlace amoroso entre desconhecidos. Mais ainda, quando eu estou pensando em festa-questão não estou tratando de “que mundo ou que ordem de coisas/eventos ela se refere”, pois, para entender isso a festa tomada como evento serve muito bem, estou pensando “sobre o que é o mundo festivo, [acerca de] qual é a ordem festiva, se é de ordem que se trata” (PEREZ, 2012, p.41) ou, em outras palavras, o mundo da festa para além do *baile* ou da *party*, como uma vivência à ser lembrado com alegria. Em suma, acredito que tomar os lazeres em duplo aspecto complementar ajuda-nos a tornar mais fácil a enervante tarefa entende-los, pois, desse modo o evento e o acontecimento não se confundem. Porque, como coloca Rita Amaral (2012, p.69), a etnografia da festa não se esgota na mera descrição de uma atividade extraordinária. Que é preciso entender a motivação e a estrutura da festa, não há dúvida, mas saber os porquês e o como os sujeitos querem vivenciá-lo e como o fazem o são.

Conclusões

Percebemos ao longo dessa apresentação o quanto o mundo do lazer juvenil nos apresenta e nos leva a inúmeros lugares, desde a discussão das sociabilidades que se desenvolve ao longo da vida, passando pela escola e o bairro, o uso desses para a produção de sociabilidades e atividades de lazer. Um outro lugar ao qual nos leva o texto é ao uso dos espaços disponíveis e das possibilidades dos jovens que são, por sua vez, articuladas aos seus interesses para fins de diversão. A violência e a tecnologia, colocadas juntas aqui em razão da situação vivenciada por mim no assalto, também nos apresentam dimensões importantes pra os jovens, e para a própria pesquisa. Sem esquecer, evidentemente, da busca pela festa que nos coloca desafios para entender, mas, com certeza, colocando desafio algum aos jovens, pois, eles sabem bem o que fazem, como fazem e porque fazem.

Cada uma dessas questões leva-nos não só a pensarmos em diferentes coisas, mas a diferentes teorias, de certo, as teorias da juventude, da cidade, da periferia e do lazer, problemas típicos do mundo urbano, ajuda-nos a entender o contexto do lugar, do tempo e das pessoas que fazem parte e criam o mundo do lazer. Todavia, para entender como experimenta-se o lazer, é preciso recorrer à uma teoria diferente, voltada a história e as sociedades tradicionais, aos seus rituais e festas, quais, aqui, no mundo moderno, aquele que passou pela Revolução Industrial, aparecem apenas como resquícios de um tempo que não volta. Eu advogo, e minha pesquisa mostrou isso, que o extraordinário vivido no lazer não responde a essa separação, ao contrário, a festa, e é realmente sobre isso que falam os jovens e eu, é um fenômeno que transpassa o lugar, o tempo e o espaço, é um outro momento da vida, um momento universal. Isto é, um espaço/tempo que pode ser encontrado em todas as sociedades humanas, onde tudo torna-se possível, onde, parafraseando os autores citados aqui, o passado, o presente e o futuro se encontram, onde é possível ver que a vida encontra um espaço para sua experimentação livre, onde a fantasia e o desejo, entre outras mil vontades cotidianas guardadas, encontram seu lugar para fruir. E, por fim, ela “age sobre a trama da existência coletiva, transformando-a e perturbando-a, sugerindo novas formas que, cristalizadas, vão pesar sobre os membros da comunidade ou da sociedade” (DUVIGNAUD, 1983, p.230).

Referências Bibliografia

AMARAL, Leila, SILVA, José Augusto Silva. *Brincando com fogo: violência e festa no universo funk*. In. PEREZ, Léa. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Gramond, 2012.

AMARAL, Rita. *Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que não é sério*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de doutoramento em Antropologia Social, 1998.

AMARAL, Rita. *Para uma antropologia da festa*. In. PEREZ, Léa. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Gramond, 2012.

BATAILLE, George. *Teoria da religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

VII Seminário FESPSP - "Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança".
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

CAILLOIS, Roger. *O sagrado de transgressão: a teoria da festa*. Outra Travessia – Revista de Literatura, Santa Catarina, vol.19, 1º Semestre, 2015, pp.15-55.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. 3ª edição – São Paulo: Perspectiva; SESC, 2008

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. 4ª edição – São Paulo: Perspectiva; SESC, 2014

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PEREIRA, Alexandre. *Funk ostentação em São Paulo, imaginação, consumo e novas tecnologias da comunicação e da informação*. Revista de Estudos Culturais da Escola de Artes e Ciências Humanas de São Paulo, 2015. s/n

PEREZ, Léa Freitas. *Festa, religião e cidade*. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

PEREZ, Léa Freitas. *A festa para além da festa*. In. PEREZ, Léa. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Gramond, 2012.

ROCHA, Francisco. *Figurações de ritmo: da sala de cinema ao salão de baile paulista*. São Paulo: USP. Tese de doutoramento em história, 2006.

SIMMEL, George. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TURNER, Victor W. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VELHO, Otávio. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.
24 a 28 de setembro de 2018
GT 7 – Antropologia Urbana

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2014.